

PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO HUMANISTA

Zenita C. Guenther

O chamado Movimento Humanista é uma das manifestações mais fortes no mundo atual, principalmente nas áreas das Ciências Sociais e Humanas.

Dentro da Psicologia, este Movimento foi tomando forma ao congregar profissionais, cientistas, pensadores e estudiosos que não se sentiam satisfeitos ou confortáveis com as respostas e direções oferecidas pelas duas principais linhas tradicionais de pensamento na área de Psicologia: de um lado, a psicologia psicanalítica ortodoxa de Freud, e de outro, a psicologia comportamentista de Pavlov, James e Skinner.

Na linha psicanalítica, o Ser Humano é visto basicamente como um campo de luta entre forças biológicas, instintivas, de um lado, e do outro, forças sociais e valores introjetados. Os instintos, mormente o instinto sexual, que compõem o ID, fazem sobre o indivíduo demandas biológicas, exigentes e de satisfação imediata; já os valores sociais introjetados, que compõem o superego, não apenas contrariam as exigências instintivas, mas também fazem, por si mesmos, demandas fortes e não racionais, com base em exigências sociais. O restante do ser humano, que constitui o Ego, é a componente consciente e racional, que se vai formando e fortalecendo à medida que a pessoa consegue responder, da melhor maneira possível, de um lado, às exigências de natureza biológica e, de outro, às de natureza social.

Claro que ambas as forças a serem controladas são não racionais — uma a forçar-lhe a animalidade, por assim dizer, e a outra a exigir-lhe a perfeição — e a energia psíquica é então gerada pela pressão de tais forças inconscientes e irracionais sobre a esfera consciente e racional do ser humano.

E é essa força psíquica, gerada ao nível consciente, que impulsiona o ser humano e o faz progredir.

Da mesma forma, a estrutura psicológica da pessoa resulta do que aconteceu na sua história pregressa, ou seja, daquilo que ela venceu durante o desenrolar dessa luta travada dentro de si própria, entre as forças biológicas e as forças sociais que compõem a parte inconsciente da sua personalidade.

Aos clínicos, evidentemente, a teoria psicanalítica oferece boas pistas para compreender problemas de doença e disfunção psicológica, buscando no passado as raízes e origens de problemas presentes.

Porém, aos educadores, tal forma de compreender o ser humano deixa-os, não apenas desencorajados, como também praticamente impotentes, pois tudo o que é importante e decisivo já aconteceu, no passado, e não há muito que o educador possa fazer exceto "compreender" o fenômeno sem, contudo, poder ajudar muito.

Daí que os psicólogos da educação foram aos poucos abandonando essa linha de pensamento pelo fato de pouco oferecer ao trabalho educacional, que é, por natureza, voltado para o futuro e não para o passado, e focalizado em expandir, construir, aumentar e não em corrigir, amenizar ou minimizar conseqüências de um passado, mais ou menos distante.

A outra linha psicológica, coexistente com a psicanalítica, porém originária de outras raízes, é a comportamentista, preocupada menos em explicar o ser humano na sua essência de ser, e mais em vê-lo através do que faz.

Assim, em educação, focalizou-se nessa perspectiva, em como levar a pessoa a fazer o que era desejado que ela fizesse, com ou sem participação de entidades abstratas, tais como vontade, consciência, liberdade ou julgamento.

Estudos comportamentistas, levados a efeito com rigorosa metodologia científica, dentro do modelo de pesquisa positivista adotados das ciências físicas, ofereceram ao educador uma imensa variedade de métodos para condicionar comportamentos operantes, e que foi, então, definido como a função máxima da educação e ensino.

A própria psicologia educacional viu-se forçada a focalizar separadamente, em estudos teóricos, a aprendizagem, e o ensino, o que, por fim, chegou a lançar alguma luz sobre o trabalho escolar. Mas os grandes problemas da educação, como tal, foram abandonados e remetidos à filosofia.

O problema maior com essa linha, para os educadores, foi, em última análise, que as sugestões, posto que precisas e "científicas", não se aplicavam às situações de educação do ser humano, a não ser nas mais simples aprendizagens concretas.

Eram antes um elenco de sugestões mais apropriadas ao treino de alguma habilidade, seja em animais, crianças, ou pessoas, do que à direção do processo amplo de contínua aprendizagem que a educação se propõe a iniciar e estimular.

E, por sistematicamente ignorar o que o homem é, como ser humano, as suas esperanças, expectativas e fé no futuro, a sua experiência acumulada e refletida do passado, a sua inserção vigorosa e qualificada no presente acontecendo, total e global, não trouxe, ao professor nada de muito valioso ao seu trabalho de educar.

Portanto, embora relativamente atraente para os estudiosos da Ciência da Educação, pela sua disciplina metodológica, rigor científico e sofisticado tratamento estatístico, a linha comportamentista parece não conseguir responder satisfatoriamente às perguntas mais relevantes colocadas pelos pensadores da educação.

Foi então como resultado da constante insatisfação com uma e outra linhas de pensamento, que estudos em outra direção se foram organizando e consolidando uma outra linha de pensamento, também conhecida como "a 3.ª força" em psicologia: *A Linha Humanista*.

Na direção apontada pela linha humanista, olha-se para o ser humano, não como um campo de batalha entre forças opostas, nem como um composto de músculos, vísceras e filamentos nervosos a serem condicionados em comportamentos prescritos, mas sim como um ser total, complexo, essencialmente diferente de todos os outros seres vivos, e portanto de algo que revela e traduz essa diferença à humanidade.

Uma das críticas que sempre se fez, e ainda hoje se faz, à psicologia humanista, aponta para o fato de que essa linha de pensamento trabalha com conglomerados de temas amplos, e pouco concretos, empregando uma metodologia de pesquisa um tanto ou quanto fluida e imprecisa onde cabem conceitos abstratos e pouco definidos, tais como sensações, impressões, e pensamento intuitivo.

Isso de fato acontece, pois sentimos que estudar aquilo que se sabe pesquisar não constitui estudar aquilo que necessita ser pesquisado.

Por isso, tentamos abordar aqueles problemas que nos parecem mais relevantes à vida humana, da melhor maneira que pudermos, sem contudo reduzir a sua magnitude e complexidade a ponto de torná-los sem importância.

É provável que tal posição se deva ao grande pensador da linha humanista, Abraham Maslow, que deu esse exemplo na sua pesquisa científica.

A psicologia humanista é, assim, dentro da História da Psicologia, a primeira linha de pensamento surgida, nem da clínica nem do laboratório, mas, principalmente, da consideração de pessoas

que podemos chamar "normais", vivendo situações da sua vida diária.

É também a primeira vez em psicologia que se dedica mais tempo a estudar pessoas saudáveis, que doentes, e situações de saúde mental, preferencialmente às de clínica psicológica ou psiquiátrica.

Para a educação, como área profissional caracterizada por uma prática reconhecível, a psicologia humanista já definiu alguns princípios básicos.

Considerada como uma profissão de ajuda por excelência, a educação é uma atividade cuja finalidade principal é assistir a outrem no seu processo de desenvolver-se, crescer e aperfeiçoar-se. Para isso, é importante que o educador, como profissional de ajuda, conheça o melhor possível, tanto a si próprio, como ao outro a quem está ajudando.

Assim, foram identificados cinco princípios que orientam o trabalho do educador em qualquer situação de educação e ensino:

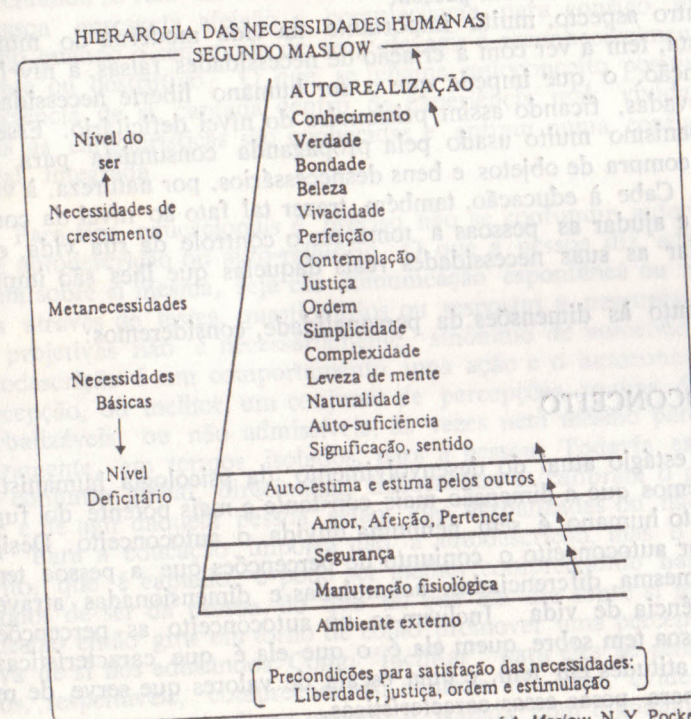
- 1.º O ser humano é por natureza intrinsecamente positivo e, em condições normais, tende a crescer, desenvolver-se e aperfeiçoar-se durante toda a sua vida, e através de todos os seus atos.
- 2.º A tendência básica da vida humana é mover-se em direção a uma adequação cada vez maior, tanto em relação a componentes, como na globalidade, tanto ao nível maior, geral da humanidade, quanto ao nível pessoal, de cada indivíduo.
- 3.º Esse movimento contínuo é impulsionado pela satisfação das necessidades básicas do ser, a nível de manutenção e de crescimento; e é travado, distorcido ou impedido quando necessidades básicas vitais não são satisfatoriamente resolvidas.
- 4.º Para melhor compreensão do dinamismo psíquico do ser humano, consideram-se três dimensões básicas que são evidenciadas no desenvolvimento e funcionamento da pessoa:
 1. Autoconceito
 2. Percepção e relacionamento com o outro
 3. Compreensão e visão do mundo
- 5.º O papel principal da educação, em qualquer fase da vida, é facilitar ao ser humano o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento contínuo, na busca de adequação pessoal, a nível cada vez mais elevado.

Para tal, a educação humanista apoia-se em duas bases:

BCH-PERIODICOS

- Satisfação das necessidades básicas
- Desenvolvimento das dimensões da personalidade

Vamos aprofundar um pouco mais esses dois aspectos, já que são a base do trabalho educacional.



Fonte: Goble, F. *The Third Force - The Psychology of A. Maslow*, N. Y. Pocket Book, 1974 - pág. 52.

Se se examinar com cuidado essa área de necessidades da maneira como foi organizada e apresentada por Maslow, verificamos que todo o trabalho escolar poderia estar aqui contido, e ligado, efetivamente, àquilo que é vital para o aluno.

Evidentemente, há a questão de que as necessidades superiores, como a necessidade do conhecimento, da justiça, da beleza, etc, só vão aparecer como alavanca impulsionadora das ações e relações da pessoa, a nível do Ser, quando as necessidades de manutenção, como alimento, saúde, pertencimento e afeição, já estão satisfatoriamente resolvidas.

Assim, muitas vezes o trabalho escolar dirige-se a um tipo de necessidade elevada, que ainda não é sentida pelo aluno, porque ele está ocupado com outras necessidades de nível anterior. A isso Combs chama "dar a solução para problemas que a pessoa ainda não tem".

Claro que se não existe o problema ou a necessidade, tal resposta é inútil para aquela pessoa.

Outro aspecto, muito importante na vida moderna do mundo capitalista, tem a ver com a criação de necessidades falsas, a nível de manutenção, o que impede que o ser humano liberte necessidades mais elevadas, ficando assim prisioneiro do nível deficitário. Esse é um mecanismo muito usado pela propaganda consumista para garantir a compra de objetos e bens desnecessários, por natureza, à vida humana. Cabe à educação, também, trazer tal fato ao nível da consciência e ajudar as pessoas a tomarem o controle da sua vida, e a diferenciar as suas necessidades reais daquelas que lhes são impostas.

Quanto às dimensões da personalidade, consideremos:

O AUTOCONCEITO

No estágio atual do desenvolvimento da psicologia humanista, reconhecemos que a dimensão mais constante e mais potente do funcionamento humano é, sem nenhuma dúvida, o autoconceito. Designamos por autoconceito o conjunto de percepções que a pessoa tem sobre si mesma, diferenciadas, acumuladas e dimensionadas através da experiência de vida. Incluem-se no autoconceito as percepções que a pessoa tem sobre quem ela é, o que ela é, que características, crenças e atitudes ela tem, e uma escala de valores que serve de referência para pesar essas características.

O seu comportamento, o seu modo de ser, agir, sentir, pensar, a sua postura em relação aos outros, ao mundo e mesmo a si própria, tudo se originará, de alguma forma, do conceito que ela tem de si.

O autoconceito é formado pela experiência de vida de pessoa, ou seja, é na vivência com os outros e consigo mesmo, dentro do seu ambiente físico e social, que o ser humano aprende quem ele é, e do que é capaz, tanto pelas avaliações constantes que faz de si mesmo, e

do resultado das suas ações, como pelas respostas que recebe dos outros, mas principalmente pelo grau de sucesso que alcança, ao lidar com o mundo, no seu dia-a-dia.

Já foi verificado que pessoas auto-realizadas, apresentando elevado grau de desenvolvimento como seres humanos, são pessoas que apresentam um autoconceito positivo, isto é, elas se percebem como tendo valor intrínseco, pelo fato de serem seres humanos e como sendo basicamente capazes de enfrentar a vida e lidar satisfatoriamente com as suas necessidades e os seus problemas; também se vêem como basicamente aceitas e queridas pelas outras pessoas ao seu redor, compreendidas, respeitadas e dignas.

Quando se fala em autoconceito positivo, não se quer dizer que a pessoa apresenta afeição e complacência para consigo própria, mesmo quando o seu modo de ser e de agir é reconhecidamente ineficiente ou destrutivo. O que se chama autoconceito positivo é a consciência de si, captada dentro da experiência real, vivida, onde todas as características são conhecidas e entram numa configuração global integrada.

Para fins educacionais é preciso não se confundir autoconceito com autodescrição ou auto-relatório. O que a pessoa diz, admite ou relata sobre si mesma, seja em comunicação espontânea ou incitada, seja através de testes, questionários ou respostas a perguntas diretas ou projetivas não é necessariamente, sinônimo de autoconceito. A autodescrição é um comportamento, uma ação e o autoconceito uma percepção, ou melhor, um conjunto de percepções, muitas delas não verbalizáveis, ou não admissíveis, às vezes nem mesmo perceptíveis claramente, em termos isolados, para a pessoa. Todavia existem e, no conjunto global, direcionam, influenciam e calibram o modo de ser e de agir daquela pessoa, sejam elas verbalizadas ou não.

Para a educação importa não a autodescrição, mas o autoconceito, que é captado, e pode ser melhor compreendido nas ações e modos de ser da pessoa, do que no que ela diz sobre si mesma. A questão então gira em torno de como promover uma percepção positiva de si nos educandos. Como "facilitar" para eles se sentirem dignos, respeitáveis, compreendidos, capazes... Bem, evidentemente, uma pessoa sente-se digna quando é tratada com dignidade, respeitável, quando é tratada com respeito, amável, quando é tratada com amor, e sente-se capaz, quando experimenta sucesso no que empreende.

Embora isso, outra vez, seja mais fácil de ser dito do que praticado, é uma fórmula bastante simples e direta. Assim sendo, o que a educação pode fazer para elevar o autoconceito do educando é estimular o respeito, afeição e consideração entre as pessoas — principal-

mente, e focalizadamente, a pessoa do aluno — e propiciar situações de sucesso para ele. É preciso haver, na escola, amplo espaço para o aluno experimentar sucesso, em situações em que ele percebe que realmente alcançou sucesso. Na medida em que a pessoa experimenta sucesso ela se sente capaz, e competente, e a experiência contínua de sucesso leva à percepção de si como basicamente capaz. Na medida em que experimenta fracasso, repetidamente, vai formando o conceito de si como basicamente incapaz. Podemos dizer que a pessoa melhora a percepção de si no momento em que encontra sucesso.

Como diz Maslow, toda a vez que alguém é compreensivo, psicologicamente disponível, afetuoso, sincero, encoraja e respeita o outro, facilitando-lhe encontrar o seu caminho, ele ajudou na elevação do autoconceito daquela pessoa. E toda a vez que alguém humilha, rejeita, desrespeita, desestimula, dificulta e coloca empecilhos no caminho do outro, está contribuindo para a deterioração do autoconceito dessa pessoa.

PERCEPÇÃO DO OUTRO

Essa dimensão é também muito importante para o funcionamento humano porque, no mundo em que vivemos, outros seres humanos que conosco compartilham a vida neste planeta, são, depois de nós, o elemento mais importante da nossa vida. Concretamente, as pessoas não são igualmente importantes para todos. A influência que as pessoas exercem umas sobre as outras é graduada de acordo com o que elas significam umas para as outras e, à medida que o ser humano vive e amadurece, essa avaliação do que o outro significa para ele vai-se tornando progressivamente mais seletiva, seguindo normas muito individuais e subjetivas.

De um modo geral, podemos dizer que a Mãe é o primeiro “outro significativo” para o seu filho, porque o recebe na vida e o introduz no mundo. Seguem-se os outros membros da família, e pessoas que cuidam da criança. Os professores têm alguma significação para a criança, na idade pré-escolar e escolar. Colegas, amigos, ganham significação maior durante a adolescência e juventude, e pessoas com quem estamos afetivamente ligadas destacam-se, de um modo geral, a partir dessa fase da vida. Todos eles deixam alguma coisa em nós, algo que vai pesar mais, ou menos, de acordo com o que eles significam na nossa vida, na determinação do nosso modo de ser. A esses acresce-se uma gama menos visível de autores, pensadores, personagens, ídolos, heróis vivos ou mortos, reais ou fictícios, com quem tivemos alguma forma de contato significativo, e que também deixam em nós a sua influência.

Como é que esses outros significantes influem no nosso modo de ser? De um lado, eles ajudam a calibrar as nossas percepções, interagindo conosco e respondendo às nossas ações e reações. De outro lado, oferecem-nos idéias, modelos e pistas úteis para aperfeiçoar o nosso modo de ser. O total dessas influências vai ser absorvido pela pessoa através de mecanismos de identificação.

Combs diz que todo Educador tem obrigação de ser significativo na vida do educando.

Um outro ponto, já lembrado em várias ocasiões, é que não é suficiente “falar”. Não basta dizer a alguém que ele é capaz, ou que é amável, para que ele se sinta assim. Para que alguém se sinta capaz é necessário experimentar sucesso em alguma tarefa importante para ele; para que se sinta “amável”, ou digno de ser amado, é preciso que alguém o ame — é preciso viver a experiência de ser amado.

Isso dificulta muito a tarefa do educador, pois mostra que a aprendizagem só acontece acima e além do nível das palavras, no qual o trabalho escolar geralmente se apóia. Portanto, mais um desafio para o educador: além de se tornar significativo para o seu educando, encontrar situações de vivência comum, igualmente significativas.

COMPREENSÃO DO MUNDO

Todos nós nascemos num meio físico e social que constitui a primeira experiência do mundo para nós. Esse grupo é parte de um grupo maior, que é parte de grupo maior... e assim por diante, englobando a comunidade, o país, os povos, até abranger todo o mundo, e toda a humanidade. O fato de sermos seres humanos coloca-nos, em princípio, em igualdade de condições com todos os seres humanos que existem, já existiram, e ainda vão existir nesse mundo.

Mas, perceber o mundo nesses termos é um processo lento, às vezes penoso, difícil, e realizado gradualmente durante toda a vida de cada um.

Ao nascer, tudo o que o indivíduo percebe é o mundo que ele consegue captar com os seus sentidos. Aos poucos, com o desenvolver da capacidade intelectual, torna-se então possível para ele compreender o mundo, não apenas através do que é diretamente percebido pelo aparelho sensorial, como também através do que pensa, interpreta, relaciona, imagina, ou seja, em termos da sua capacidade de lidar com símbolos e abstrações.

Quanto melhor, mais clara e completa é a compreensão do mundo, mais competente, e portanto mais satisfatório, é o modo de ser e de viver da pessoa. E quanto mais falha, incompleta, distorcida ou

limitada for a compreensão que a pessoa tem do mundo, tanto mais inefetivo, ineficaz, incompetente e, portanto, insatisfatório será o seu modo de ser e de viver.

A maior parte do trabalho escolar localiza-se, de modo geral, nessa dimensão da vida humana. As matérias escolares são uma tentativa de oferecer ao aluno elementos para compreender melhor o mundo em que vive. Infelizmente, na vida escolar, elas freqüentemente giram mais em torno do objetivo de assimilar e reter parcelas do conhecimento acumulado, e menos de exercitar a capacidade de compreender, assimilar e ampliar o mundo.

A formulação da visão do mundo complica-se porque é influenciada, não somente pela experiência de vida, no varejo diário de cada um, mas também pelas outras pessoas com quem se entra em contato, a cada minuto e, a essa altura, pelo conceito que cada um tem de si mesmo, e da posição que ocupa nesse mundo.

Diferencia-se aqui uma configuração muito importante na personalidade humana: aquelas pessoas que têm uma autopercepção em termos basicamente positivos, que compreendem e convivem bem com os outros, em ampla identificação com a Humanidade e bom relacionamento com pessoas, individualmente, apresentam também uma visão de mundo que tende a tornar-se cada vez mais ampla, variada e enriquecida.

Os horizontes para a compreensão do mundo são praticamente ilimitados. O conhecimento existente sobre o mundo, incluindo todas as Ciências e áreas do Saber, mais o pensamento elaborado sobre os grandes problemas do homem, mais as revisões que se vão fazendo nesse corpo de conhecimento, mais o que está para ser trabalhado e descoberto, tudo isso colocado à disposição da pessoa, teria, por força, que facilitar o estabelecimento de boas relações com os outros e com o mundo, o que, por vez, seria refletido na melhor percepção de si mesma, num movimento circular processo-produto-processo, em todas as direções.

Portanto, a escola deveria ajudar aí. Por que não o faz? Obviamente, uma das razões é a própria alienação programada da escola, ignorando o mundo, a vida, as pessoas, no seu dia-a-dia, e agarrando-se a fragmentos da realidade, lidando com eles como se fossem a realidade toda.

Aí vai mais uma pista para se pensar a educação: examinando e analisando o trabalho feito pela escola, que ligações e implicações diretas podem ser vistas entre ele e a vida do aluno? Seria somente a conquista eventual de um diploma? O que a escola oferece, processualmente, através do que faz, a cada hora do dia, para ajudar o aluno a compreender o mundo em que vive? E o que é o mundo em que ele vive? A sua família, a sua pequena comunidade, vizinhos e

amigos, o país, todo o continente, o mundo, o planeta terra, o sistema solar, esta galáxia?...

Em que ponto, nessa infinita espiral, está o limite do mundo que ele está tentando compreender, e para onde se deve caminhar... A medida que essa visão do mundo se amplia, e maior número de fatos e eventos fazem mais sentido para ela, é que estamos aperfeiçoando a pessoa na direção em que a educação tanto deseja: formando pessoas mais adequadas, mais conscientes, mais atuantes, mais em controle da sua própria vida e, por isso mesmo, mais felizes, vivendo uma vida mais produtiva e satisfatória, para si mesmas e para os outros seres humanos.

O MOMENTO EXATO

A educação acontece no momento exato em que alguma coisa que antes não era percebida, ou não fazia sentido, começa a ser vista, e a ser compreendida. Algumas vezes isso pode acontecer enquanto o aluno estuda um assunto, mas, na maioria das vezes, as aprendizagens mais importantes acontecem no momento em que as pessoas interagem entre si, e com o mundo, no processo dinâmico de viver.

Planos perfeitos, quando traçados na brancura de uma folha de papel, dentro do ambiente higienizado e esterilizado de um gabinete, geralmente terminam, e não raras vezes a curto prazo, numa gaveta de arquivo igualmente estéril.

Porque o combustível que move o motor educacional são aquelas ações, reações e decisões tomadas, instantaneamente, pelas pessoas envolvidas no processo, em todos os níveis, no momento em que a vida acontece.

Assim sendo, tudo aquilo que vem antes, o planejamento, ou o que vem depois, a avaliação, só fazem sentido quando colocados em perspectiva, e a serviço desse momento concepcional da educação. Porque é aí, nesse momento, que a verdadeira educação acontece, ou deixa de acontecer.

BIBLIOGRAFIA

- Guenther, Z. & Combs, A. *Educação de Pessoa*. B. Horizonte, FUMARC, 1980.
- Maslow, A. *Motivation and Personality*. N. Y., Harper and Row, 1970.
- Toward a Psychology of Being*, Princeton, 1962.

